

Arquitetura e arte a evitar o “deslaçamento” do país

Territórios Exposição na Sala da Cidade mostra exemplos de urbanismo e identidade, abrindo um ciclo de reflexão sob o mote “Cuidar de um país”

Andrea Trindade

Intervenções urbanas pontuais do Coletivo Zás, grupo de jovens estudantes e arquitetos que colocou bancos de madeira nas paragens de auto-carro de Coimbra, e a Biblioteca da Universidade da Beira Interior assinada por Bartolomeu Costa Cabral, arquiteto de 94 anos, fazem o início e o fim do arco geracional das obras mostradas em “Todos os tempos se cruzarão”. A exposição, que será inaugurada este sábado na Sala da Cidade, foi base da proposta apresentada pelo Atelier Corvo à Bienal de Veneza (acabaria por não ser aceite) e serve agora para lançar um ciclo anual de exposições, seminários e debates em torno da arquitetura, da arte e do território, temas que têm ocupado parte substancial da Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra.

«Como é que a arte e a arquitetura podem contribuir para o reforço das identidades dos territórios, num momento particularmente difícil, em que assistimos ao deslaçamento do país em prejuízo dos polos urbanos mais densos como Lisboa ou Porto» é, nas palavras de Carlos Antunes, o que se pretende pensar com esta iniciativa que junta o Círculo de Artes Plásticas (CAPC), a Câmara Municipal e Universidade de Coimbra (através do Departamento de



José Reis, José António Bandeirinha, José Manuel Silva e Carlos Antunes visitaram exposição

Arquitetura, da Faculdade de Economia e do Centro de Estudos Sociais).

Para a exposição inaugural do Ciclo “Cuidar de um país”, que estará patente até 2 de março, foram escolhidos exemplos de como se pode «reforçar a identidade do território, permitindo a fixação de populações, não abdicando de mais qualidade urbana e mais qualidade arquitetónica». Numa maquete central, podemos ver a planta de uma possível habitação nos Açores, de Teresa Braula Reis, trabalhos de estudantes de arquitetura em torno do Mosteiro de Santa

Clara-a-Nova, a requalificação do Mercado do Bolhão, de Nuno Valentim, a Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola, de Pedro Gameiro e Pedro Domingos, o equipamento para comunidades ciganas em Peso da Régua, de António Belém Lima, a requalificação do Largo do Toural, em Guimarães, e Casa de Taipa, em Beja, onde, novamente, Bartolomeu Costa Cabral - homenageado nesta mostra - «cruza a arquitetura vernácula, com a contemporânea e a erudita, cruza novas tecnologias e saberes tradicionais», e finalmente, a obra de Pedro Maurício Bor-

ges, que coloca uma pequena capela num cruzamento em Netos, Figueira da Foz, com um altar que se pode virar para a rua, são as obras patente nesta exposição. A reflexão sobre o papel de cada uma no território é facilitada com os respetivos vídeos sobre a sua utilização quotidiana.

O título “Todos os tempos se cruzarão”, diz Carlos Antunes, diretor do CAPC e da Bienal de Coimbra, quer dizer que «a partir de bons exemplos da história, a contemporaneidade pode inscrever-se sem ruturas e numa lógica de continuidade».

“Precisamos de reinterpretar Portugal”

URBANISMO José Reis, professor catedrático de Economia, considera que a sustentabilidade do nosso país depende, em grande medida, de abandonar a dicotomia que associa o litoral ao urbano e o interior ao rural. «O interior tem urbanidades notáveis, nas suas cidades, nos seus sistemas urbanos, mas também

em muitas aldeias, que são profundamente urbanas também», declarou aos jornalistas, à margem da visita à exposição inaugural do ciclo “Cuidar de um país”. «Precisamos de mudar os óculos com que olhamos para o país, de reinterpretar Portugal», venceu o investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da UC,

apontando uma metrópole que cresce, não no centro mas nas periferias, e um país que estagnou demograficamente.

José António Bandeirinha, do Departamento de Arquitetura da UC, sublinhou a importância de chamar a atenção para «boas práticas» que existem no norte a sul - como se faz nesta mostra - e ainda

para a necessidade de «pacificar» a relação entre ambiente urbano e ambiente de natureza, sem os querer «misturar a torto e a direito». «O que é urbano deve ser intensificado na sua urbanidade e o que é natural no seu caráter de natureza», disse.

O presidente da Câmara Municipal de Coimbra, José Manuel Silva, e Désirée Pedro, da direção do CAPC, também participaram no encontro de ontem com os jornalistas, visitando de seguida a exposição.